



Editorial — Travessias para mundos possíveis: Estéticas da memória, utopias feridas e vozes de resistência

[10.29073/naus.v8i1.994](https://doi.org/10.29073/naus.v8i1.994)

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Isabel Lousada , NOVA FCSH, Portugal, isabel.lousada@fcsb.unl.pt.

Luísa Paolinelli , Universidade da Madeira, Portugal, marinho@staff.uma.pt.

Vanda de Sousa , ESCS-IPL, Portugal, vsousa@escs.ipl.pt.

O presente número da revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais — NAUS propõe um exercício de escuta e leitura atenta das margens — o que foi excluído, silenciado, esquecido ou apenas sussurrado ao longo do tempo. Através de contributos que percorrem os campos da literatura, da filosofia, da teoria estética, do pensamento decolonial e da crítica cultural, abre-se um espaço de travessia entre disciplinas e geografias, entre o visível e o silenciado, entre a ruína e a possibilidade.

Como linha comum, a entrevista e os artigos que integram essa edição interrogam os modos como a memória, a linguagem e a criação artística e histórica podem tornar-se instrumentos de resistência às narrativas hegemónicas. O “escovar a História a contrapelo” como recomendou Walter Benjamin matiza os caminhos comuns autorais. Recorrendo a abordagens interdisciplinares, exploram os contornos do sensível, os limites do testemunho, a persistência da utopia e a força política do imaginário. Demonstram novas abordagens, olhares e reflexões.

A união entre linguagens (textuais e radiofónicas) e o fomento às parcerias interinstitucionais configuram o mote da entrevista com Antonio Cunha, responsável pelo projeto Rádio Nova da Língua Portuguesa (RNLP). Vozes e sons partilhados desde 2020 a partir de uma ideia de lusofonia, alcança comunidades das múltiplas variações do português e com cariz educativo-comunicacional inovador.

Iniciamos com uma análise crítica dos museus como espaços simbólicos de consagração cultural e, simultaneamente, de exclusão, de escolhas sobre verdade, dominação e linearidade. A partir do conceito de pós-museu, formulado por Françoise Vergès (2023), discute-se a urgência de reconfigurar estas instituições como lugares de reparação e visibilidade histórica para sujeitos racializados e interpretações plurais. Ao invés de depósitos imobilizados de um passado glorioso, propõe-se uma museologia insurgente, capaz de acolher conflitos, experiências sociais e diversidade.

No campo da Teoria Estética, outro contributo propõe uma reflexão sobre o invisível, a partir do diálogo entre Diderot, Magritte e Merleau-Ponty. Cruzando literatura, pintura e fenomenologia, investiga-se aquilo que escapa ao olhar direto, que resiste à nomeação e que, na arte, se apresenta como ausência fecunda. Entre o visto e o velado, constrói-se uma filosofia da percepção que questiona a própria possibilidade de verdade sensível.

A obra Memorial do Convento (1982), de José Saramago, é revisitada num ensaio que explora as fissuras do projeto nacional português através do mito de Ourique. Saramago é, aqui, lido como cartógrafo de um país fragmentado entre passado e presente, entre fé e poder, entre utopia e distopia. Com recurso a técnicas de claro-escuro e sobreposição temporal, o romance desenha, em forma de espelho partido, a imagem crítica de uma nação em construção perpétua.

No mesmo intuito de reescrita da História a partir das margens, de outras perspetivas e olhares, um estudo comparatista aproxima os romances Kindred: Laços de Sangue (2017), de Octavia Butler e Amada (2012), de Toni Morrison. Ambas as obras mobilizam, nas primeiras décadas do século XX, o Realismo Mágico como linguagem de resistência e o tropo do teletransporte como mecanismo de rutura temporal, que permite confrontar os traumas da escravatura e da colonialidade com uma nova ética narrativa. O tempo deixa de ser linear e evolutivo para se tornar espiral, onde o passado interpela violentamente o presente.



Ainda neste eixo de insurgência literária, um ensaio debruça-se sobre a poesia de Noémia de Sousa, com particular atenção à “Súplica”, poema escrito no contexto do exílio. A partir da teoria do testemunho-testamento, propõe-se uma leitura que reconhece na escrita da autora moçambicana uma denúncia das violências coloniais, e uma afirmação radical de identidade, pertença e luta. A sua voz ecoa como um gesto de insubmissão que atravessa o tempo, o espaço e a língua.

De geografias diferentes e áreas do conhecimento que compõem as Humanidades, a edição integra ainda quatro resenhas críticas que, embora de natureza distinta, prolongam o gesto comum de escavar a memória e interpelar a justiça.

Na primeira, a obra *Direitos Humanos em Portugal. História e Utopia*, de Susana Mourato Alves-Jesus (2023), é lida como uma análise histórica rigorosa, mas também como convite a imaginar outros futuros possíveis. A autora traça uma genealogia crítica para os direitos humanos a partir do contexto português, inscrevendo-os numa tensão constante entre promessa e falha, entre norma e desejo.

Coadunando com viés histórico e também tomando Portugal como território, a obra de Raquel Varela e Roberto della Santa (2023) traz o recorte contemporâneo de um processo intenso político e cultural. Texto didático e com informações essenciais para uma “história a partir de baixo”, toma sujeitos centrais trabalhadores como protagonistas.

Na terceira resenha, a leitura de *Vinte e Um Dias de Bote*, de Humberto Passos Freitas (2021), coloca-nos face à vulnerabilidade extrema da travessia migrante. Tema atual, o testemunho do autor, à deriva no Atlântico, é aqui interpretado como um ato, político e literário, de resistência à indiferença. A escrita transforma-se em bote, em denúncia, em oração. Cada palavra resiste à morte e reclama a escuta.

Para fechar a análise e difusão de leituras dos últimos cinco anos, *Autodefesa: uma filosofia da violência*, de Elsa Dorlin (2020), evoca o olhar sobre dominação, subalternidade e dilemas que compõem existências e resistências individuais e coletivas em contexto de acirramento político. As interseccionalidades, sobretudo em contextos hegemônicos, também indicam contestações em forma de autodefesa sobre opressões do Estado e da sociedade, tendo exemplos rebeliões escravagistas, sufragistas britânicas, Panteras Negras e patrulhas *queer* nos Estados Unidos.

Entre análise e criação, entre arquivo e visão, este número da NAUS ergue-se como uma constelação de produções textuais e transcrições (entrevista) que desafiam a pensar desde o Sul, de outras referências e ambiências, desde as ruínas da História, desde os corpos esquecidos, desde as margens. Estéticas da memória, utopias feridas e vozes de resistências traçam, em conjunto, uma geografia inquieta, onde o invisível e as vozes se tornam presenças, expressões e travessias necessárias.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.